

Para receber US\$ 1,6 bilhão do Grupo dos Sete, o Brasil tem de provar que sabe aplicar bem o dinheiro doado a fundo perdido para a preservação ambiental.

Ricos só trocam dólares por eficiência

O Brasil vai precisar mostrar que sabe gastar dinheiro rápido — e bem — se quiser receber dos sete países mais ricos do mundo os US\$ 1,6 bilhão previstos no Programa Piloto para a Preservação das Florestas Tropicais Brasileiras, já endossado pelo Banco Mundial (Bird). O programa será analisado em reunião do Grupo dos Sete — Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália e Japão — entre os dias 15 e 17, em Londres.

Caso seja aprovado, deverão ser liberados imediatamente US\$ 50 milhões, destinados ao trabalho de detalhamento do programa e em projetos de caráter demonstrativo, como a implantação de reservas extrativistas e a demarcação das terras indígenas. Até o final de 1992, o volume das doações — os recursos seriam cedidos a fundo perdido — pode chegar a US\$ 250 milhões. “O restante vai depender do nosso desempenho”, admitiu Paulo de Góes Filho, diretor da secretaria de Meio Ambiente (Sema).

Na cover note (um resumo do projeto, incluindo suas considerações pessoais) que encaminhou aos governos dos sete mais ricos, o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, recomendou a aprovação do programa, elaborado durante nove meses pelo governo brasileiro, com a assistência de técnicos do Banco Mundial e da Comissão da Comunidade Européia.

“Ele até endossou a proposta do governo brasileiro de que os recursos sejam geridos pelo Fundo da Floresta Tropical, e não pela Global Environment Facilities (agência administrada pelo Bird), como queriam inicialmente os técnicos do Banco”, destacou Paulo de Góes.



A criação de reservas extrativistas para os seringueiros: uma das prioridades da primeira fase do programa de proteção das florestas.

O programa, que inclui a recuperação de áreas degradadas pelo garimpo, pela agro-pecuária, por usinas hidrelétricas e pela extração de madeira, prevê investimentos de US\$ 1,6 bilhão de dólares, a fundo perdido, durante cinco anos. O dinheiro será liberado de acordo com um cronograma e as contas serão prestadas posteriormente.

No entanto, se os sete ricos atenderem ao apelo do Fórum de ONGs Brasileiras preparatório para a Eco-92 não haverá o que gastar tão cedo. O Fórum enviou ontem carta ao presidente Collor e às embaixadas dos países do G-7 pedindo que o programa não seja aprovado.

“Somos contra a aprovação deste programa porque ele não foi suficientemente discutido com a sociedade civil e as ONGs”, explica João Paulo Capobianco, da Fundação S.O.S. Mata Atlântica, cobrando mais audiências públicas e reuniões formais. Esta posição foi decidida dia 27, na reunião de representantes das 26 ONGs que compõem a coordenação nacional da entidade.

A questão divide as entidades ambientalistas brasileiras, suscitando até acusações de favorecimento. Em reunião na Sema esta semana, 12 ONGs decidiram apoiar oficialmente — embora com ressalvas — os objetivos

gerais e os encaminhamentos das negociações do programa. Entre as signatárias da carta encaminhada a Collor estão a Funatura, a Fundação Mata Virgem e o Instituto de Estudos da Amazônia.

O deputado federal Fábio Feldmann (PSDB-SP) também é favorável ao programa de proteção da Floresta Amazônica. “Este programa precisa ser apoiado ostensivamente. Primeiro, porque ele é bom”, diz Feldmann. “E o dinheiro vem a fundo perdido, em sinal do reconhecimento da obrigação do Primeiro Mundo de colaborar para a salvação da Amazônia”.
Fernanda Godoy

Na cidade, a maior feira ecológica do mundo.

Enquanto representantes de 168 países estiverem discutindo no Rio de Janeiro o futuro do planeta, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em São Paulo estará ocorrendo, de 6 a 11 de junho de 1992, no Anhembi, a Ecobrasil, a maior feira de tecnologia ambiental já montada no mundo.

“Enquanto no Rio se discutirão práticas futuras, em São Paulo estará disponível para as empresas o que houver de mais moderno para melhorar a qualidade de vida e do meio ambiente”, informou a Agência Estado a coordenadora da Ecobrasil, Duda Escobar.

As empresas japonesas deverão ocupar cerca de nove mil metros quadrados dentro da Ecobrasil. Do Brasil, deverão participar cerca de 70 expositores, desde estatais, como a Cetesb, a companhias de reflorestamento. “Todas querem demonstrar a sua preocupação com o meio ambiente”, disse Duda.

Os principais produtos e serviços apresentados estarão concentrados no controle de poluição do ar, água e solo; gerenciamento de rejeitos, lixo e materiais tóxicos; reciclagem de lixo; estudos ambientais; engenharia ambiental; ensaios e análises laboratoriais; recuperação de áreas degradadas; transporte; energia; saneamento; educação ambiental e preservação de ecossistemas naturais.

Serão 35 mil metros quadra-

dos de área para estandes, com o preço do metro quadrado em torno dos US\$ 220 (Cr\$ 69.960,00, pelo câmbio comercial de ontem), dependendo da localização. A feira está sendo montada pela Alcântara Machado, que tem no seu currículo eventos importantes como o Salão do Automóvel, a Fenit e a UD. “O melhor jeito de se vender um produto a um público especial é dentro de uma feira dirigida”, disse Duda Escobar, que é diretora da Alcântara Machado.

Apesar de ser uma preocupação nova no Brasil, a tecnologia ambiental é uma das indústrias que mais crescem no mundo. Entre 1980 e 1990, a Alemanha Ocidental aplicou US\$ 125 milhões (Cr\$ 39,7 bilhões) em pesquisas nessa área e as indústrias européias prevêem investimentos de US\$ 73 bilhões (Cr\$ 23,21 trilhões) na área de meio ambiente nos próximos anos.

A comercialização da feira começou no último dia 1º e os contratos de expositores serão fechados até o dia 15 de abril do ano que vem. A Alcântara Machado vai investir em torno de US\$ 6 milhões (Cr\$ 1,9 bilhão) na promoção nacional e internacional do evento, incluindo aí anúncios em jornais como o *The Wall Street Journal* e *Financial Times* e revistas como *Newsweek*. Seis cotas de patrocínio, cada uma de Cr\$ 100 milhões, também farão parte do pacote da Ecobrasil.

Gabriel Nogueira/AE